

4468



EMMANOEL VILAÇA

FUNAI

Índios tomam como reféns 4 servidores no Alto Guamá

Pintados para a guerra, cerca de dois 2 mil índios das tribos Tembé, Guajajara, Kaapor e Awa-Guajá, que habitam área na divisa com o Maranhão, dizem que só libertam os reféns se tiverem encontro pessoal com o presidente da Funai.

Os quatro funcionários da Funai tomados como reféns pelos índios, que exigem um encontro pessoal com o presidente da Fundação

4468

Índios se revoltam e fazem 4 reféns

OS PRISIONEIRAS SÃO DA FUNAI E FORAM AO ALTO RIO GUAMÁ EM MISSÃO DE PACIFICAÇÃO

É muito tensa a situação no Alto Rio Guamá, na divisa com o Maranhão. Cerca de dois mil índios, das tribos Tembê, Guajajara, Kaapor e Auauajará, pintados para guerra, prenderam e estão mantendo como reféns quatro funcionários da Funai, até que o presidente do órgão, Márcio José Brando Santilli, vá à região para conversar com os índios e apresentar uma solução imediata ao problema de invasão das terras indígenas.

Estão presos na aldeia Tembê o indigenista Wellington Figueiredo, de Brasília, o representante que Márcio Santilli enviou para tentar pacificar os índios; Regina Célia Fonseca e Paulo Brabo, da Divisão Administrativa da Funai em Belém; e o chefe do Posto Indígena do Canindé, no Alto Rio Guamá, Francisco Potiguara.

Os funcionários da Funai foram recebidos na reserva indígena por mais de 700 guerreiros armados de tacapes, arcos e flechas. Eles participaram de uma reunião com os índios, que se iniciou por volta das 10h30 de ontem e se encerrou em clima de guerra uma hora e meia depois.

A reunião começou a ficar tensa logo que os índios perceberam que

os representantes da Funai não estavam ali para apresentar solução definitiva para o problema de invasão das terras deles. Além disso, o conselho de guerra dos índios, formado por guerreiros e caciques das diversas tribos, sentiu-se desrespeitado pela ausência do presidente da Funai, que, alegando compromissos anteriores, mandou um representante.

A índia Verônica, a mais velha da aldeia, ameaçou os funcionários da Funai com um tacape e um guerreiro guajajara dançou na frente dos brancos ameaçando-os com arco e flecha. Os índios argumentavam que "a Funai só faz falar e não resolve nada".

Os índios também apreenderam o avião Cesna PT-JPW, da empresa Brabo Táxi Aéreo, que conduziu o pessoal da Funai. A equipe da TV LIBERAL e os pilotos Emanuel da Silva Pinho, do avião fretado pela Funai, e Leopoldo Siqueira, do avião que conduzia a reportagem só foram liberados depois de intensa negociação com os caciques.

Os funcionários da Funai ficaram presos em uma maloca central da aldeia, mas deveriam passar a noite, conforme anteciparam os caciques, no posto da Funai, no Canindé.



Depois de tomar os funcionários da Funai como reféns, os índios dançam em volta do avião apreendido para marcar a sua indignação



Guerreiro pintado para o confronto: conselho reuniu quatro tribos



Os funcionários da Funai e o piloto do avião tomados com reféns



Um guerreiro fala ao conselho de guerra dos índios rebelados

ÍNDIGENAS TROCAM NEGOCIAÇÃO POR FERRO E FOGO

A invasão das terras indígenas do Alto Rio Guamá é um problema antigo que remonta há trinta anos. Agrava-se, entretanto, no final dos anos 70, com a construção da estrada de ferro Carajás-Itaqui. Há atualmente na área cerca de 1.800 famílias invasoras, entre posseiros e madeireiros. Segundo os líderes indígenas, há 17 anos eles tentam solucionar o problema através da Funai. Porém, das numerosas reuniões realizadas na aldeia, em Belém e Brasília, até agora não resultou nenhuma solução definitiva para o problema que, segundo afirmam, continua num ritmo crescente.

A terra indígena do Alto Rio Guamá, uma área de 270 mil hectares entre os rios Guamá e Gurupi, já existe oficialmente como reserva indígena desde 1974, quando foi demarcada. Entretanto, dizem os caciques, a demarcação oficial autorizada pela Presidência da República não conteve a invasão dos brancos que se embrenham pela mata em busca de terras agriculturáveis, madeiras nobres, minerais e outros produtos da floresta.

Os tembês denunciam, inclusive, que os invasores estão se utilizando das terras deles para a plantação de maconha e que de nada adiantaram as sucessivas denúncias

feitas à Polícia Federal. Das poucas vezes que a Federal chegou à reserva do Alto Rio Guamá, contam os índios, os agentes não aceitaram ajuda dos índios e nem dos funcionários da Funai para localizar as plantações.

Chico Potiguara, chefe do Posto Indígena do Canindé, no Alto rio Guamá, um dos quatro reféns mantidos pelos índios, declarou a O LIBERAL que já está descrente de uma solução negociada para o problema das invasões. Segundo afirma o indigenista, o problema já foi amplamente debatido com autoridades policiais e judiciais, tanto em âmbito estadual como federal, e nada resultou de positivo.

Ele afirma que há três liminares concedidas pelo Tribunal de Justiça do Maranhão, determinando a expulsão dos invasores, apreensão de ferramentas e reintegração das terras aos índios. "A liminar é apenas um pedaço de papel, para que tenha força efetiva precisa de poder de polícia. Uma incursão mata adentro, com efetivo policial custa dinheiro e muito esforço físico. A gente consegue a liminar mas não consegue meios para fazê-la cumprir", lamenta o indigenista. Mas, enquanto a Funai se justifica, os índios afirmam que vão expulsar os invasores a ferro e fogo.

A RESPOSTA DA FUNAI

Santilli convida tribos a Brasília

A revolta dos índios contra a Funai deveu-se a dois motivos: à falta de uma solução imediata para o problema das invasões e à ausência do presidente da Funai, Márcio Santilli, que preferiu mandar um representante. O cacique Jorge, dos tembês, que deu o veredito sobre a situação dos quatro funcionários da Funai, disse que eles somente seriam libertados quando Santilli se apresentasse na aldeia com uma solução imediata para o problema.

Márcio Santilli, de Brasília, emitiu um comunicado às lideranças tembês da aldeia Canindé, propondo a imediata liberação dos reféns e convidando as lideranças indígenas a irem a Brasília, acompanhadas dos funcionários da Funai, para discutir a situação. A íntegra do documento do presidente da Funai é a seguinte: "Enviei à área Canindé equipe da Funai chefiada por Wellington Figueiredo, para tratar com a comunidade do planejamento da operação para a desintrusão da área indígena. Hoje tomei conhecimento de que os

servidores da Funai foram detidos na área, e que os Tembê estão exigindo a minha presença para libertá-los.

Lamento a decisão! Os servidores foram aí para ajudar a resolver o problema. Se a comunidade insistir em mantê-los detidos, vou entender que não querem a solução. Não posso ausentar-me de Brasília neste momento, pois há mudanças importantes nas normas para demarcação das terras indígenas que exigem minha presença aqui, em benefício de todas as comunidades indígenas do Brasil.

Proponho à comunidade Tembê o seguinte: Liberação imediata dos funcionários detidos; vinda para Brasília de representantes das comunidades indígenas, junto com os funcionários detidos, para discutirmos a operação de desintrusão da área.

Não foi possível saber a posição dos índios sobre a proposta de Santilli, porque eles se apoderaram do rádio do Posto da Funai e as comunicações com a aldeia Tembê ficaram interrompidas.